

A ÉTICA DO SEGUIMENTO EM TORNO DA CASA DE JESUS

Carlos Frederico Schlaepfer

O sentido da casa como unidade básica da economia e das relações sociais de produção está presente desde a Antiguidade e em várias culturas, inclusive na formação e experiência do povo bíblico. A agricultura, a criação de animais e a fabricação de produtos básicos da sobrevivência formam as características fundamentais para este tipo de relação social. Ao redor desta economia doméstica o povo de Israel se organizou, lutou e procurou resistir à opressão estatal tributária e posteriormente escravagista dos modelos imperiais greco-romanos.

A resistência do povo em torno da casa pode ser encontrada através dos projetos de restauração no período pós-exílico, onde estão presentes os ideais igualitários iluminados pelo antigo paradigma tribal: Isaías 40–55; Rute; Jonas; Cântico dos Cânticos, dentre outros. Na estrada destes projetos vamos encontrar a Boa-Nova de Jesus, o projeto de um povo renovado pelas relações de justiça, igualdade e solidariedade, onde o amor a Deus e ao próximo tornam-se os grandes pilares nesta reconstrução.

A casa, portanto, dentro do Novo Testamento, apresenta um sentido que vai além da moradia ou simples referência familiar. Trata-se de um sentido impregnado de referenciais históricos e socioeconômicos. Nesta perspectiva de busca de sentido da casa, em especial dentro do Novo Testamento, estaremos direcionando esta reflexão. A pergunta que se coloca é sobre a possibilidade de um sentido ético para a casa, uma vez que, em sua mais primitiva acepção, *ethos* significa habitação, moradia, estadia, demora. Quais são os valores éticos que estão presentes no sentido da casa em relação a Jesus?

Embora a relação entre casa e ética possa ser trabalhada em todo o Novo Testamento, por questões de espaço estaremos limitando este estudo ao Evangelho de Marcos. Esta escolha se volta para o objetivo do Evangelista que procura apresentar a casa como um símbolo-eixo dentro de toda a primeira parte de seu Evangelho (Mc 1,1–8,26)¹.

Dentro de nosso escopo, veremos primeiramente o sentido etimológico da casa tanto no hebraico quanto no grego e suas implicações no Antigo e Novo Testamento. Em seguida, lançaremos nosso olhar sobre o Evangelho de Marcos, procurando perceber o sentido da casa de modo geral e, por fim, limitaremos nosso estudo a alguns textos específicos, onde poderemos aprofundar a relação entre a casa e a ética.

1. Soares, Sebastião A.G. & Junior, João L.C. *Evangelho de Marcos – Refazer a casa*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 20 [Coleção Comentário Bíblico. Vol. I: 1-8].

O sentido de casa através da *bayt*, *oikos/oikia* na Bíblia

O vocábulo *bayt* – casa é um substantivo primitivo, não derivado de nenhum verbo conhecido. O emprego de *bayt* no hebraico é tão variado que não existe sinônimo para o vocábulo. Existem apenas termos semanticamente aparentados, como por exemplo *'ohel* – tenda. O significado originário de *bayt* não foi outro que casa, podendo ser definida como um edifício de madeira e pedra onde habita um homem e sua família.

A *bayt* pode também significar a família, compreendendo o pai, sua mulher, seus filhos naturais e adotivos, seus familiares e dependentes, bem como escravos e escravas. A família de Abraão e de Ló (Gn 15,2) é um exemplo de *bayt*. Esta unidade social aparece também descrita em contextos jurídicos e culturais como na lei do Sábado, que prescreve o descanso de qualquer trabalhador em todas as famílias (Ex 20,10), ou a lei deuteronômica, onde cada um celebra as festas regulares com sua família e todos ofereciam os sacrifícios como grupo (Dt 12,17; 14,26; 15,20). No banquete pascal cada família devia partilhar um cordeiro assado (Ex 12,3-4).

No Antigo Testamento, a solidariedade entre o homem e sua casa é marcante, tanto no caso de um castigo (Js 7,1-15), quanto no caso de uma bênção, salvação (Gn 7,1; Js 2,12; 6,22; 1Rs 17,15), compreendendo o pai e toda a sua família. Na Assembléia de Siquém este aspecto é muito característico, quando Josué diz que ele e sua família querem servir a Javé (Js 24,15). Ainda outros sentidos podem ser percebidos e que são a base para o significado presente nos Evangelhos: as fórmulas estereotipadas de “casa de Deus” ou “casa do Senhor” designam o santuário (Gn 28,17.19; 2Sm 12,20). Nos evangelhos sinóticos fala-se da “casa de Deus” (Mc 2,26; Mt 12,4) ou também da “tenda do deserto” (Lc 6,4), referindo-se a 1Sm 21,1-10 ou ao Templo, em cuja denúncia Jesus cita o texto de Is 56,7 (Mc 11,17; Mt 21,13). Em Lc 21,46 encontramos: “Minha casa será chamada casa de oração” e em Jo 2,16: “a casa de meu Pai”. Para expressar a unidade da nação, estirpe ou família, usam-se locuções que indicam sua procedência de um único antepassado, como “a casa de Israel” (Mt 10,6; 15,24; cf. Ex 16,31; 2Sm 1,12) ou “a casa de Jacó” (Lc 1,33), para designar o povo judeu; “a casa de Davi” (Lc 1,27.69; 2,4) para a estirpe real de Davi (cf. 1Sm 20,16; 1Rs 12,16; 13,2).

Tanto *oikos* quanto *oikia* aparecem desde cedo em textos clássicos gregos, bem como na Septuaginta e mesmo em textos no Novo Testamento, com o sentido de família ou comunidade doméstica. O diferencial em tais textos é o grupo de pessoas que pertencem à *oikos/oikia*. Assim, de uma família limitada ao senhor, à mulher, aos filhos e escravos, passa-se a um conceito ampliado, estando presentes também parentes e hóspedes que moram na casa sob proteção do senhor. O conceito de família se amplia ainda mais quando aplicado ao povo. Significativo, dentro do conceito familiar no Novo Testamento, é o sentido presente em um contexto administrativo, como por exemplo em 1Tm 3,5.12, onde se pede ao bispo e ao diácono que sejam capazes de governar bem a sua casa, isto é, que cuidem da Igreja de Deus, considerada uma casa muito mais extensa.

À primeira vista, um termo tão comum e concreto como “casa” não deveria oferecer muitas possibilidades de interpretações. No entanto, o fato dos evangelistas utili-

zarem a *oikia*/casa como figura de realidades comunitárias faz com que a mesma se apresente dentro de formas e sentidos diferentes.

Assim, se olharmos para a obra de Lucas, por exemplo, percebe-se o destaque da casa já no anúncio a Maria, representando a nova economia de salvação (Lc 1,26-38), enquanto Zacarias, homem sacerdote do Templo, representa a antiga economia (Lc 1,5-25). Entretanto, a casa e o Templo não se opõem, visto ser o Templo “a casa do meu Pai” (Lc 2,49). Porém, o Templo é transitório, pois a comunidade se faz presente nas casas. A casa também é lugar de importância vital no caso de Zaqueu. A sua recuperação da vida começa por um convite de Jesus: “Hoje devo ficar em tua casa” (Lc 9,5), e se completa pela constatação: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9). A presença de Jesus na casa de Marta e Maria, evangelizando, antecipa a futura Igreja da casa (Lc 10,38). Já nos Atos dos Apóstolos a casa é colocada de forma evidente, pois ali se dá o pentecostes (At 2,2). Também os atos comunitários se davam no mesmo espaço, pois os cristãos “partiam o pão nas casas e comiam com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46). A pregação dos Apóstolos também era feita nas casas. “E todos os dias não cessavam de ensinar e pregar Cristo no Templo e nas casas” (At 5,42). Na casa de Cornélio, centurião romano, inicia-se a Igreja entre os pagãos (At 10,22; 11,12-14). A casa de Lídia e a do carcereiro em Filipos foram lugares de acolhimento para Paulo (At 16,15.31.34).

Como podemos observar, há um forte acento da casa em Lucas, porém não se trata de uma característica apenas lucana. A casa também está presente de modo acentuado em outros Evangelhos e de modo especial em Marcos, conforme veremos a seguir.

O sentido de *oikos/oikia* no Evangelho de Marcos

No Evangelho de Marcos, o emprego de *oikos* e *oikia* com o sentido de casa aparece 24 vezes, sendo que, destas, apenas 11 em Mateus e 9 em Lucas estão presentes de modo semelhante. Neste sentido, a casa passa a ter diferentes significados: lugar de refúgio para Jesus e seus discípulos diante das multidões, estando esta característica ausente nos outros dois evangelhos sinóticos, devido ao estilo de Marcos para expressar o segredo messiânico; lugar para o ensinamento de Jesus aos seus discípulos; lugar de formação dos discípulos (Mc 7,17; 9,28). A evangelização é feita a partir da casa, provavelmente uma alusão aos costumes dos primitivos missionários itinerantes. É para casa em Cafarnaum que a multidão acorre ao saber que Jesus encontra-se em seu interior (Mc 2,1-2; 3,20). A família natural de Jesus vai ao encontro dele, que está justamente numa casa (Mc 3,20.31-34). Especialmente significativo foi o fato de Jesus ter celebrado a última ceia numa casa (Mc 14,15). Em Marcos a casa é também o lugar da aparição, da missão e da ascensão (Mc 16,14-20). *Oikos* e *oikia* têm sentidos diferentes, que correspondem mais ou menos aos do grego clássico. *Oikos* significa de preferência o lugar de habitação, a linhagem, o patrimônio, e tem menor relação com a vida pessoal; *oikia* insiste mais na vinculação do homem com seu domicílio, com a organização que nele se mantém e com os que nele habitam.

Dentre todos os casos onde aparece o vocábulo *oikos*², encontramos quatro casos com algumas referências onde a ausência de artigo torna a casa, em relação a Jesus, de grande importância em Marcos:

- Mc 2,1 (em Cafarnaum) – “passados alguns dias, soube-se que estava em casa”;
- Mc 3,20 (lugar impreciso) – “foi para casa e novamente se reuniu tal multidão de gente, e [os doze/os discípulos] não podiam nem comer”;
- Mc 7,17 (lugar impreciso) – “Quando entrou em casa, separando-se da multidão, seus discípulos lhe perguntaram”;
- Mc 9,28 (longe de Cafarnaum) – “Quando entrou em casa, seus discípulos lhe perguntaram à parte”.

Os que se acham nestas casas são sempre judeus, quer se trate dos habitantes de Cafarnaum (Mc 2,2), quer dos Doze ou dos discípulos, que procedem da instituição judaica. É interessante notar que, destes quatro casos, só no primeiro Jesus “está em casa” (Mc 2,1). Nos outros três, “vai para casa” (Mc 3,20) ou “entra em casa” (Mc 7,17; 9,28).

Na primeira passagem (Mc 2,1), em Cafarnaum, as pessoas se reúnem na casa e, nela, estão sentados ou “instalados” alguns eruditos ou escribas (Mc 2,6). Para encontrar o sentido que Marcos dá a esta casa é preciso levar em conta o lugar onde Jesus está, bem como o lugar onde as pessoas se reúnem, se congregam³, e por fim o lugar dos eruditos ou escribas, isto é, dos mestres oficiais, que ensinavam na sinagoga. Conjugando estes três dados, pode-se deduzir que uma casa que engloba os israelitas de Cafarnaum e suas estruturas religiosas (sinagoga, escribas) e onde “está” também Jesus, não pode ser outra, senão a “casa de Israel”, que representa o povo como tal. Jesus, que ainda não se viu forçado a romper com a instituição judaica, como sucederá um pouco mais tarde (Mc 3,6-7a), encontra-se, portanto, neste momento dentro de seu âmbito. Isto explica que apareça uma “multidão” (Mc 2,4) e não se mencionem em separado “os discípulos”; estes, como Jesus, estão ainda integrados nas estruturas de seu povo⁴.

As outras três passagens em que aparece *oikos* em relação com Jesus (Mc 3,20; 7,17; 9,28) apresentam semelhanças e diferenças se comparadas a Mc 2,1:

- a) As três passagens se encontram depois da ruptura de Jesus com a sinagoga (Mc 3,6-7a) e da constituição dos Doze (alusão às doze tribos), ou Israel messiânico (Mc 3,13-19). Por isso, ao analisar estas três menções de *oikos* será necessário levar em conta que a constituição do novo Israel trouxe consigo a substituição do antigo, representado antes pela “casa” de Cafarnaum (Mc 2,1).
- b) Nestas três passagens, Jesus já não está “em casa”, mas “vai para” (Mc 3,20) ou “entra em casa” (Mc 7,17; 9,28). A casa se acha destituída de localização

2. Cf. Mc 2,1.11.26; 3,20; 5,19.38; 7,17.30; 8,3.26; 11,17.

3. Marcos emprega o verbo reunir, congregar – *synago*, do qual se deriva *synagogé* – sinagoga.

4. Cf. Mateos, J. & Camacho, F. *Evangelho, figuras e símbolos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 32.

precisa; seus ocupantes são os Doze/os discípulos (o novo Israel), e nunca se mencionam os escribas. Isto significa que, no paralelo com a “casa de Israel” (Mc 2,1), que aparecia em Cafarnaum, depois da ruptura de Jesus com a instituição judaica aparece a nova “casa de Israel”, a do Israel messiânico, representada pelos Doze/os discípulos.

- c) O fato de estas casas terem diferentes localizações não é simplesmente incongruência do evangelista, e sim marca para indicar que a nova “casa de Israel” não está vinculada a uma terra, como a antiga, mas que existe onde quer que se encontrem os que compõem o novo Israel. Em Marcos, ela é o lugar dos discípulos, isto é, dos seguidores de Jesus procedentes do judaísmo, a quem ele confiou uma missão universal (Mc 3,14; 6,7-11).
- d) Esta nova “casa” é mencionada pela primeira vez em Mc 3,20, imediatamente depois da constituição dos Doze (Mc 3,13-19); a ela Jesus vai e aí eles aparecem, agora distintos da multidão. Tudo indica que os Doze já estavam “em casa”, esperando realizar a ceia com Jesus.
- e) Nas outras duas referências (Mc 7,17; 9,28), Jesus entra “em casa”. Nela se encontram os discípulos, que lhe fazem em cada caso uma pergunta que provoca censura de Jesus: Mc 7,18: “Será que também vós não sois capazes de entender?”; Mc 9,28: “Esta espécie não pode sair por nada, a não ser pedindo (na oração)”. Isto mostra a incompreensão que Jesus encontra entre os seus seguidores procedentes da instituição judaica.

O fato de Jesus não “estar”, mas simplesmente “ir” ou “entrar” nesta casa do novo Israel, corresponde à concepção de Marcos (também de Lucas) de que a comunidade de Jesus é composta de dois grupos: o que procede do judaísmo (os Doze/os discípulos) e o dos seguidores que não procedem dele (Mc 2,15: “cobradores e descrentes”).

De maneira mais geral, “casa” designa em Marcos um espaço ou território que esteja habitado por determinada comunidade ou grupo humano. A partir do momento em que começa a existir o novo Israel, a “casa” do antigo fica reduzida a ser “a casa do chefe da sinagoga” (Mc 5,38), personagem que representa as autoridades religiosas judaicas, sob cujo domínio está parte do povo. De povo eleito por Deus (“a casa de Israel”), o povo judeu passou a ser massa de gente regida por uma instituição religiosa (“casa do chefe da sinagoga”).

Ao lado destas duas designações, isto é, a “casa” do antigo Israel (Mc 2,1) e a do novo Israel (Mc 3,20; 7,17; 9,28), em Marcos pode-se perceber a existência de outras “casas”, como por exemplo: do “grupo não israelita”, representada pelo paralítico: “Levanta-te, toma teu leito e vai para a tua casa” (Mc 2,11); dos grupos ou povos pagãos, como do geraseno: “Vai para tua casa com os teus” (Mc 5,19); da mulher siro-fenícia: “Ao chegar à sua casa encontrou a criança atirada na casa” (Mc 7,30); da multidão para quem Jesus reparte o pão pela segunda vez: “Se os mando para sua casa em jejum, desfalecerão no caminho” (Mc 8,3).

O outro termo *oikia*⁵ que, em Marcos, designa a casa/lar, desde o primeiro caso que aparece, manifesta-se um ambiente de relação pessoal. Em Mc 1,29, a “casa/lar” de Simão e André inclui o vínculo de fraternidade ou irmandade entre eles e uma família da qual se menciona a sogra de Simão (Mc 1,29-31). Um pouco mais adiante, em Mc 2,15, “a casa/lar” é o cenário de refeição de que participam Jesus, os discípulos e numeroso grupo de “cobradores de impostos e pecadores”. Em outra passagem, fala-se da divisão no meio de uma casa/família (Mc 3,25) ou do desprezo por um profeta “em sua casa”, isto é, entre seus familiares (Mc 6,4). Paralelamente, o mesmo acontece em outros casos (Mc 6,10; 7,24; 9,33).

Dentro do contexto em que a casa aparece, o sentido engloba sempre a propriedade, os pertences, as pessoas que estão morando dentro dela. Assim, em Mc 10,29-30: “Não há ninguém que deixe casa, irmãos e irmãs, mãe e pai, filhos ou terras [...] que não receba cem vezes mais: agora, neste tempo, casas, irmãos e irmãs, mãe, filhos e terras”; a “casa”/*oikia* parece incluir tudo o que segue. Em Mc 12,40: “esses (escribas) que devoram os lares das viúvas sob pretexto de longas preces”, a “casa/lar” se refere antes de tudo à propriedade, aos bens. Em Marcos, portanto, a “casa/lar” – *oikia* acrescenta à simples “casa” – *oikos* a vinculação entre os que se encontram nela ou compõem a família ou, pelo menos, entre o dono e os objetos que a casa encerra. Conforme o caso, insiste-se em um outro aspecto, dominando, porém, o de lar/família.

O sentido ético da casa/lar no seguimento de Jesus

No Evangelho de Marcos, em diversos momentos Jesus encontra-se presente no seio familiar, porém apresenta uma certa independência em relação aos laços familiares⁶. Em Mc 10,29-30, com paralelos em Lc 12,51-53 e Mt 10,34-36, encontra-se um relacionamento de Jesus com sua família, até certo ponto extremamente original, dentro do contexto de sua época: “Jesus respondeu: Eu vos asseguro: ninguém que deixou casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras por causa de mim e do Evangelho, deixará de receber já no tempo presente cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras no meio de perseguições, e no mundo vindouro, a vida eterna”.

Jesus colocou exigências especialmente radicais ao grupo dos discípulos que o seguia, sobretudo renúncia à profissão exercida e deixar a própria família⁷. No Oriente, esta atitude tem, em certas circunstâncias, conseqüências drásticas, como no caso de um pai de família, que não deixa outra alternativa à mulher, a não ser voltar para casa dos pais com seus filhos, o que era considerado uma vergonha. Sem dúvida, o abandono da família era uma exigência radical e dura. Por isso, Jesus propôs esta exi-

5. Mc 1,29; 2,15; 3,25.27; 6,4.10; 7,24; 9,33; 10,10.29.30; 12,40; 13,15.34.35; 14,3.

6. Vale lembrar que em Lc 2 já aparecem dois episódios dentro dos relatos da infância que apontam para esta independência: a apresentação do menino no Templo (Lc 2,22-28) e a permanência de Jesus em Jerusalém, discutindo com os doutores (Lc 2,46-50).

7. Pode-se ainda acrescentar a renúncia à propriedade (Lc 14,33) e renúncia à providência para o dia seguinte (Lc 1,22-23).

gência apenas àqueles que o seguiam, no sentido literal da palavra, mas não ao povo todo, nem aos seus discípulos que permaneciam em seus lugares.

Existe aqui, de fato, uma exigência ética voltada para o seguimento de Jesus. Entretanto devemos admitir uma diferença entre a ética do seguimento voltada para os discípulos e uma ética de todo povo de Deus⁸. Vejamos, pois, as características marcantes em cada caso.

A ética específica do seguimento não deve ser entendida como uma ética de dois níveis, ou seja, uma classe de perfeitos frente a uma classe de menos perfeitos. Na verdade, Jesus estabelece, para aqueles que ficam em casa com as suas famílias, exigências tão radicais quanto para aqueles que o seguem⁹. São exigências semelhantes àquelas feitas aos discípulos, como aquela de deixar suas famílias. De uns, Jesus exige fidelidade absoluta e inviolável às suas esposas, e, de outros, fidelidade absoluta e inviolável à sua missão de anunciar. A forma concreta de vida quer seja no matrimônio, quer seja no serviço do anúncio, é levada radicalmente a sério por Jesus. Ambos os modos de viver nesta forma radical só são possíveis em vista do Reino de Deus. Somente a fascinação de um Reino de Deus, que já se torna presente, é capaz de dar a liberdade interior para viver a fidelidade conjugal ou o seguimento com esta radicalidade.

Voltando o olhar para o texto de Mc 10,29-30 pode-se perceber que, embora uma ética de dois níveis seja rejeitada por Jesus, não está descartada uma vinculação intrínseca entre a ética do seguimento e a ética de todo o povo de Deus. Na forma atual do texto aparecem traços de reelaboração por uma visão do cristianismo primitivo. Nela foram introduzidas a idéia do Evangelho, as palavras “com perseguições” e, principalmente, foi acrescentado o esquema das duas épocas. A sentença original é mais radical e em vista do tempo presente¹⁰. “Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras por minha causa, que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo, casas, irmãos e irmãs, mãe, filhos e terras”.

O sentido presente nos “irmãos e irmãs” são os parentes de sangue, o clã ao qual pertence o oriental e ao qual deve satisfação e que por sua vez o protege. O pai e a mãe configuram a estrutura antiga, sagrada, confirmada na Escritura, da família patriarcal. Os filhos são a maior alegria do homem oriental: seu orgulho, também sua segurança social e, por assim dizer, seu seguro de vida para mais tarde. As terras são o quinhão do Israelita na herança sagrada prometida por Deus¹¹. Deve-se, portanto, reconhecer na

8. Cf. Lohfink, G. *Como Jesus queria as comunidades? – A dimensão social da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 60.

9. No sermão da montanha o homem é severamente proibido de repudiar sua mulher, contra a práxis do divórcio comum em Israel naquele tempo (Mt 5,21). Da mesma forma, um mero olhar de um homem para uma mulher com desejo libidinoso é considerado adultério (Mt 5,27-30).

10. Cf. Lohfink, G. *Op. cit.*, p. 62.

11. Segundo os Atos dos Apóstolos, Barnabé, oriundo de Chipre, possuía um campo nos arredores de Jerusalém (At 4,36-37). Certamente ele comprara, como muitos outros judeus da diáspora, um campo na terra santa, para confirmar seu vínculo a Israel e tornar-se participante das bênçãos do tempo messiânico.

expressão terras em Mc 10,29 aquele conceito de “terra” tão importante para todos os judeus piedosos.

Jesus, no entanto, relativiza todos: o clã, os pais, os filhos, a terra. É possível e, em certas circunstâncias, até necessário, deixar tudo isto. Não se trata aqui, porém, de um mero deixar por deixar, como se o simples fato de deixar já fosse algo positivo. O motivo para deixar é que está acontecendo algo novo: o Reino de Deus irrompe. Com isto, tudo muda. Aqueles que agora seguem Jesus, que deixam tudo o que tinham por causa do Reino de Deus, tornam-se uma nova família, onde, paradoxalmente, existem de novo irmãos, irmãs, mães e filhos.

Vê-se, portanto, que o sentido de família, presente nos Evangelhos e em particular em Marcos, passa de certa forma por uma transformação, na medida que deixa de ser apenas uma questão de parentesco, de consangüinidade, para se tornar uma questão de seguimento de Jesus. A casa – família, lar, reunião de pessoas – volta-se essencialmente para a causa do Reino de Deus.

Desde agora, nesta hora, os discípulos vão receber cem vezes mais tudo que deixaram. Jesus fala aqui a partir da própria experiência que, mais e mais, tornou-se também a experiência dos seus discípulos: eles deixaram suas famílias, mas no grupo dos discípulos acharam novos irmãos e irmãs. Eles abandonaram a casa dos pais, mas no país inteiro, onde eram recebidos amigavelmente, acharam novas mães. Eles deixaram seus filhos, mas constantemente acorreram a eles pessoas novas e desconhecidas, todas elas realizadas pelo novo que apareceu. Eles abandonaram seus campos, mas no lugar deles acharam uma comunidade firme que os sustentava como “nova terra”.

A questão decisiva agora é se é possível relacionar aquilo que, a partir de Mc 10,29-30, foi descrito como a realidade da nova família com todo o povo de Deus. A promessa só é dada aos discípulos de Jesus; portanto, pressupõe a ética do seguimento. Falta ainda descobrir onde se encontra a ética de todo o povo de Deus. Para esta reflexão será necessário voltar o olhar para o terceiro capítulo do Evangelho de Marcos.

No cap. 3 o tema da casa apresenta três momentos distintos, embora estejam interligados. Assim, em Mc 3,20-21, a presença dos parentes de Jesus coloca em evidência a casa na qual estão Jesus, os discípulos e a multidão; em Mc 3,25.27 a casa é colocada em destaque através da resposta de Jesus às acusações dos escribas que descem de Jerusalém; Mc 3,31-35, embora não apresente o vocábulo, coloca toda a narrativa em torno da casa.

Nos versículos de Mc 3,20-21, Jesus encontra-se numa casa, cercado de uma multidão de tal modo que ele e seus discípulos nem sequer podem alimentar-se. Ai chegam seus parentes no intuito de o levar para casa à força. A família de Jesus sente-se comprometida com a atividade pública de Jesus. Aqueles que mandam na família estão convictos: “ele enlouqueceu” (Mc 3,21). Nos versículos de Mc 3,31-35, quando dizem a Jesus: “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”,

ele responde: “Quem é minha mãe e meus irmãos? [...] Eis minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3,33-35).

Aqui aparece novamente a temática da nova família. Apresentando um discurso altamente retórico e jurídico, em estilo antigo¹², Jesus aponta para um outro sentido de família: “Estes são meus irmãos”. A pergunta que se coloca neste momento é sobre os componentes desta nova família. A observação de Mc 3,32: “havia uma multidão sentada em torno dele”, e Mc 3,35: “Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe”, são importantes para se responder a esta pergunta.

Num contexto rabínico, “fazer a vontade de Deus” significaria cumprir a Tora, a lei do Sinai. Mas aqui o sentido não pode ser esse, pois a família de Jesus cumpre a lei. A vontade de Deus neste contexto aponta para o plano da salvação¹³, que Deus realiza agora e ao qual se deve aderir, com uma disponibilidade sem reservas, para deixar transformar a própria vida pela ação de Deus. Em outras palavras, a vontade de Deus é a vinda de seu Reino e a reconstituição do verdadeiro Israel (Mt 6,9-13). Quem faz a vontade de Deus são aqueles que acreditam na mensagem de Jesus, do Reino de Deus que está próximo e se deixam unir para formar o povo escatológico de Deus. Logo, em Mc 3,33.35, Jesus não fala apenas dos seus discípulos, mas de todos os que reconhecem agora a iniciativa de Deus em Israel e acorrem para o Reino de Deus.

Portanto, a nova família dos irmãos e irmãs de Jesus vai além do grupo dos discípulos em sentido estrito. Em toda a parte de Israel, onde se acredita no Evangelho do Reino de Deus, surge agora algo novo¹⁴. A divisão por causa do Evangelho atravessa as famílias de Israel. Isto significa que em toda parte existem pessoas que se decidem em favor do Reino de Deus e têm que assumir o conflito com a própria família, o próprio clã. Elas formam, atravessando Israel e atravessando as famílias antigas e clãs, a nova família de Jesus.

Assim como foi possível perceber uma ética específica do seguimento de Jesus que tem seu lugar no grupo dos discípulos (mais tarde no grupo dos profetas e dos missionários ambulantes), também se deve ver que, de muitas formas, esta ética está ligada à ética do restante povo de Deus (concretamente: dos discípulos que permanecem em seus lugares). Existem aqui constantes irradiações, repercussões, intercomunicações. Na verdade, só relativamente poucos dos que, em Israel, aceitam a mensagem de Jesus deixam sua pátria e acompanham Jesus pela Palestina. A maioria permanece com suas famílias. E apesar disso, as famílias daqueles que ficam transformam-se. Elas tornam-se mais disponíveis, abertas. Não giram mais apenas em torno de si mesmas. Oferecem acolhida a Jesus e seus mensageiros. Entram em relação umas com as

12. Lohfink, G. *A Igreja dos meus sonhos*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 40.

13. Este mesmo sentido pode-se encontrar em Ef 1,3-14.

14. Neste sentido, pode-se então compreender as palavras duras que estão presentes em Mt 11,12: “O Reino de Deus abre caminho com poder”; ou em Lc 12,49, onde Jesus lança sua mensagem à terra como fogo, e ele gostaria de incendiar tudo; ou ainda Lc 12,52-53: A mensagem do Reino de Deus provoca separação e divisão em Israel.

outras. Ou acontece algo bem diferente: as famílias se dividem. Jesus e seu movimento tornam-se sinal de contradição (Lc 2,24). Muitos indivíduos desvinculam-se das formas antigas (Mc 2,21) e unem-se à nova família da qual Jesus fala em Mc 10,29-30. Assim surge, no meio do Antigo Israel, no início ainda pouco perceptível, mas irresistivelmente, a nova sociedade, planejada por Deus¹⁵.

Carlos Frederico Schlaepfer
Rua Cruz das Almas, 88/705
25085-450 Duque de Caxias, RJ
e-mail: cfschlaepfer@ig.com.br

15. Cf. Lohfink, G. *Como Jesus queria as comunidades?* São Paulo: Paulinas, 1987, p. 67.